

ENSAIO SOBRE A PSICOLOGIA SOCIAL CRÍTICA

João Paulo Costa de Oliveira

Graduando em Psicologia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

André Masao Peres Tokuda

Mestre em Psicologia – UNESP
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Bruna Amaral Davalo

Graduada em Psicologia
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Bernadeth Bucher

Doutora em Psicologia – Universidad Complutense de Madrid (Espanha);
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Anatiele Paula de Souza

Psicóloga – FEPI; Esp. em Psicopedagogia Clínica e Institucional – UCAM;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Fabiana Ferrari

Mestre em Linguística – UFMS;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Janaina Soares Sicuto

Graduada em Psicologia
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Juliana Fernanda de Barros

Graduada em Psicologia
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

A história da psicologia está cheia de mudanças nos panoramas científicos. Divergências entre abordagens teóricas e formas de compreender o sofrimento humano são fatores que impulsionam os debates e as discordâncias entre psicólogos em todo o mundo. Mas algumas questões são deixadas de lado em congresso, simpósios e debates: Qual é o papel da psicologia? Estamos no meio científico essencialmente para estudar funções terapêuticas? O que representa "ser psicólogo"? Neste trabalho são apresentados vários estudos sobre a Psicologia Social e seu papel crítico na sociedade, trazendo reflexões sobre a Psicologia, a contemporaneidade e a ciência para além do campo clínico e terapêutico, ressaltando sua relevância no plano cultural de reflexão pública.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia social crítica; modernidade líquida; contemporaneidade; cegueira.

1 INTRODUÇÃO

A psicologia social crítica é uma vertente da psicologia que se distingue por seu método minucioso de análise da realidade. O psicólogo crítico avalia a

composição política e social vigente em determinada região e interpreta o conjunto de tensões construídas historicamente. Se trata de uma análise detalhada das instituições e práticas organizadoras da vida social, visando acima de tudo a emancipação humana: a liberdade daqueles que são oprimidos por estruturas que estão além de seu entendimento (FERREIRA, 2010).

Como salienta Gruda (2016), a psicologia crítica se preocupa em analisar aquilo que está subentendido nas formas de poder vigente: o modo que a psicologia tradicional trabalha para as instituições e organizações, como as ideologias influenciam na produção do saber social e de que maneira as estruturas de dominação atuam para guiar a produção de conhecimento. O psicólogo, então, assume o papel de um hábil detetive, trazendo luz àquilo que ninguém vê, esclarecendo os fatos sociais.

Ser um psicólogo social é lançar o olhar para os contratos tácitos que estão subentendidos nas relações humanas: o porquê a classe pobre é majoritariamente negra, ou mesmo, o motivo da existência de poucas mulheres em cargos de prestígio social. Para tal, a psicologia social lança o olhar para a relação do sujeito com o seu meio; sua construção social e os valores morais construídos historicamente. Busca compreender o objeto de estudo (sujeito-sociedade) sob uma ótica filosófica, sociológica e psicológica. Uma interpelação de proposições visando uma síntese pontual e esclarecedora.

2 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é buscar, dentro de linhas teóricas diversas, uma definição sobre a psicologia social crítica, trazendo reflexões sobre seu papel na sociedade e da própria da psicologia como ciência humana. Desta forma, buscamos ampliar as discussões sobre a psicologia para além do campo clínico e terapêutico, ressaltando sua relevância no plano cultural de reflexão pública e como instrumento de esclarecimento e emancipação humana.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica em plataformas especializadas.

4 O QUE É PSICOLOGIA SOCIAL?

Toda psicologia é, acima de tudo, social. Tal afirmação não exclui as particularidades das demais formas de compreender a existência humana, mas dentro de uma narrativa teórica e sob a lente de uma história epistemológica do saber, ampliar e auxiliar na compreensão estrutural do sujeito. O caráter social da psicologia está no entendimento do ser cognoscente: aquele que produz e absorve cultura; que é ativo em uma realidade no qual está em constante atuação. Um ser que apreende sua realidade abstrai o mundo e demonstra sua totalidade para si e para os outros (RODRIGUES, 1972).

A psicologia que não abarque tal característica em sua composição teórica é incapaz de compreender a essência da alma humana, o âmago do que é inerente para a compreensão da natureza individual do sujeito, sua relação com os outros. Nossa construção como seres sociais depende da mediação de terceiros. Nos tornamos nós mesmo a partir do outros, proposição esta formulada por Vygostky (1994) em sua formação social da mente. Tal suposição nos ajudou a compreender o caráter social da realidade psíquica dos sujeitos e, por conseguinte, da própria sociedade.

Como pondera Erich Fromm (1974), o ser humano é um animal social. Tal afirmação está entrelaçada em uma dinâmica axiológica, pois mesmo aqueles que rejeitam a presença da civilização; mesmo aqueles que repudiam estar junto a outro(a) e preferem a solidão e o isolamento, ainda sim, em algum tempo e espaço determinado, esteve em um vínculo social primário e, de alguma forma, ainda depende deste; seja em seus valores morais, perspectivas ou ideais, a dinâmica relacional do sujeito faz parte de sua essência. O humano é uma totalidade em si mesmo, mas que necessita de outras totalidades em sua construção. Ele é composto por um conjunto aglutinado de fatores que influenciam (direta ou indiretamente) seu comportamento e o movem para a ação. No dizer do autor, o indivíduo necessita pertencer a algo; se sentir parte da realidade social, caso contrário, sua mera individualidade o destruirá e o tirará a potência de agir. Desta forma,

A menos que pertença a algum lugar, a menos que sua vida tenha significado e rumo, ele se sentirá qual uma partícula de pó e será esmagado por sua insignificância individual. Ele não será capaz de relacionar-se com nenhum sistema que proporcione um significado e um rumo à sua vida, ficará cheio de dúvidas, e isto acabará paralisando-lhe a capacidade de agir – isto é, de viver (FROMM, 1974, p. 27).

Para Erich Fromm (1974), a constituição histórico-cultural do indivíduo e sua experiência no campo são dois pilares para a formação da consciência e da própria personalidade. Nascemos em um mundo no qual não escolhemos; somos submetidos aos cuidados de seres que, primitivamente, não conhecemos. Surgimos em um espaço e tempo determinado do qual jamais saberemos o porquê – isto se existir algum. A existência humana precede qualquer formulação de uma amago central; precede uma essência singular e universal do ser: aquilo que Sartre (1984, p.4) sintetizou em uma única sentença: “a existência precede a essência”. Aquilo que torna as pessoas excepcionais é a possibilidade de constituição social – da apreensão de sua cultura, de valores, de ideias, desejos e comportamentos e, além de qualquer aspecto *a priori*, construir sua própria identidade. Os fatores biológicos possuem sua relevância, é claro, mas se um jovem negro de favela acreditar que seu destino é ser traficante e que sua cor e meio familiar o impedem de ser um advogado ou médico em uma sociedade essencialmente “de pouca melanina”, sua vontade e potência de agir seria reduzida aquilo que o mundo histórico – e racista – o fez acreditar: “mais negro favelado”. Não somos definidos por nada. Somos a essência que criamos. Não somos nada mais do que fazemos de nós mesmos.

Ser um psicólogo social é lançar o olhar para os contratos tácitos que estão subentendidos nas relações humanas: o porque a classe pobre é majoritariamente negra, ou mesmo, o motivo da existência de poucas mulheres em cargos de prestígio social. Para tal, a Psicologia Social lança o olhar para a relação do sujeito com o seu meio; sua construção social e os valores morais construídos historicamente. Busca compreender o objeto de estudo (sujeito-sociedade) sob uma ótica filosófica, sociológica e psicológica. Uma interpelação de proposições visando uma síntese pontual e esclarecedora. Como pontua Lane (2006, p.10), “a Psicologia Social estuda a relação essencial entre o indivíduo e a sociedade, como esta está entendida historicamente, desde como seus membros se organizam para garantir sua sobrevivência até seus costumes, valores e instituições necessárias para a continuidade da sociedade”. Em suma, a psicologia social é uma ciência do ser humano, mas não se limita a um método de análise; é também uma arte de reflexão.

5 A PSICOLOGIA SOCIAL CRÍTICA E UM NOVO PARADIGMA CIENTÍFICO

Os modelos de pensamento que se formaram na história, dos mais

promissores aos mais hediondos, se difundiram na vida cotidiana de diversas formas. Como já ressaltado por Comte (1978), nossa existência mundana é um eterno jogo de poder e controle. Controle este que vai muito além de jogos partidários, mas que se estendem para o plano das ideias. Segundo ele, somos dominadas por filósofos mortos dos quais a maioria das pessoas não tem a mínima noção que existiram. Seja na política (com pensadores como Montesquieu, Hobbes e Locke), na educação (com Rousseau, Piaget e Wallon), na economia (Smith, Marshall e Friedman) ou mesmo na cultura (com Marx, Gramsci e Adorno), as ideias moldam o tecido social e viabilizam novas praxes: novos valores, novas crenças, novos padrões; práticas de liberdade e dominação; desejos, necessidades. As ideias transformam a experiência humana – de uma simples atitude à uma transformação global. Todavia, o que difere uma ideia “boa” e uma “ruim” está intrinsecamente relacionado à ideologia em questão, seja esta progressista ou retardatária. Como ponderado pelo filósofo e pedagogo Paulo Freire (1996), a imparcialidade é uma utopia. É uma ilusão acreditar que nossas ações não seguem um princípio tal: uma ideia ou valor. Todos nós possuímos uma base ideologia que nos orienta para a ação. Mas, a questão que se põe em prática no plano da realidade concreta é: sua base ideológica inclui ou exclui os outros?

Ao avaliar as ideias e ideologias como inerentes para a transformação da sociedade nos deparamos com um aspecto fundamental para a formação do saber: a retórica. O discurso filosófico ao longo dos séculos assumiu qualidades peculiares. No século XIX os debates intelectuais passaram a não buscar uma verdade metafísica: um valor ontológico para o discurso, todavia - e por mudança de valores -, passaram a reverenciar os sofismas e a mera qualidade de persuasão através da fala. Tais mudanças, que já vinham ocorrendo desde o século XVIII, se disseminam nas academias e, através do filósofo Arthur Schopenhauer (2014), foi materializado em uma estratégia de eloquência retórica que ele definiu como Dialética Erística. Tal dialética é constituída por um conjunto de táticas de discussão que não buscam alcançar uma verdade, um ponto claro e final na argumentação, e sim o convencimento do público alvo para com um determinado ideal ou pensamento. A velha dialética hegeliana (confronto de ideias que gerava um consenso) se perdeu. A ideia de uma verdade universal se tornou uma crença ingênua dentro da realidade do conhecimento; mas a relevância do saber para a construção de uma civilização minimamente satisfatória ainda é, apesar de tudo, uma verdade incontestável.

No final do século XX vemos emergir uma nova psicologia social; uma psicologia que busca atingir um consenso entre os opostos e construir – por meio de uma maturidade teórica – uma dialética construtiva é progressista, que abarque a todos os grupos e construa uma metodologia de discurso que inclua os seres humanos e lhes deem visibilidade. Esta “nova” ciência busca olhar pelo véu ideológico das classes e grupos e esclarecer a realidade das instituições. Esta psicologia, que assume um viés crítico, se tornou uma das principais ferramentas para a mudança de padrões reducionistas e cristalizadores na sociedade. A psicologia social crítica é uma vertente da psicologia que se distingue por seu método minucioso de análise da realidade. O psicólogo crítico avalia a composição política e social vigente em determinada região e interpreta o conjunto de tensões construídas historicamente. Trata-se de uma análise detalhada das instituições e práticas organizadoras da vida social, visando acima de tudo a emancipação humana: a liberdade daqueles que são oprimidos por estruturas que estão além de seu entendimento (FERREIRA, 2010).

Como salienta Gruda (2016), a psicologia crítica se preocupa em analisar aquilo que está subentendido nas formas de poder vigente: o modo que a psicologia tradicional trabalha para as instituições e organizações, como as ideologias influenciam na produção do saber social e de que maneira as estruturas de dominação atuam para guiar a produção de conhecimento. O psicólogo, então, assume o papel de um hábil detetive, trazendo luz aquilo que ninguém vê: esclarecendo os fatos sociais.

A Escola de Frankfurt (uma instituição de pesquisa filosófica e social fundada na Alemanha em meados do século XX) estabeleceu uma notável influência na linha de raciocínio epistêmico que a psicologia crítica utiliza. Tal fato ainda é presente na forma de produção de conhecimento desta abordagem. A construção de uma compreensão detalhada sobre realidade cotidiana possui como finalidade a liberdade da consciência intelectual. A necessidade de uma psicologia crítica sobre a sociedade se dá pelos choques de opostos que ainda existe na cultura ocidental. Um conflito no qual se torna essencial à construção de um pensamento; a necessidade um saber que afirme o ser cognoscente (GOULART, 2009).

Quando Adorno e Horkheimer (2006) constroem sua crítica à cultura ocidental, tem em mente o valor que o exercício da inteligência possui para promover a transformação social. Para eles, o objetivo do conhecimento é a libertação. O

pensamento crítico auxilia na resolução de conflitos e na promoção de uma consciência progressista. Todavia, tal proposta de saber deixa, na modernidade, de ser a prioridade das instituições. Uma nova forma de saber surge, o esclarecimento: o conhecimento técnico desenvolvido pelo modelo positivista do iluminismo, assumindo o caráter opositor ao que estes filósofos defendem.

As instituições de produção intelectual no decorrer do século XIX aos poucos se adequaram ao novo modelo de produção, técnico e prático (esclarecido), e passaram a olhar com os olhos avarentos da nova classe dominante: a burguesia (WEBER, 2007). Como consequência disso o saber passou não mais a libertar, mas a alienar, criando uma civilização cada vez mais submetida a formas de poder (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Pensando com essa cabeça, os exímios fundadores da Escola de Frankfurt chegaram à conclusão de que o erro não era do capitalismo em si, mas do poderoso processo histórico que o construiu, aquilo eles chamaram de esclarecimento. O método sistemático e organizado do fazer científico, aquele ordenado por uma base metódica positivista, tinha como fim último sua utilidade ao capital (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Essa “nova” classe de intelectuais não enxergava a real repugnância do modelo de pensamento que construíam o seu saber. Eram geniais: sabiam como criar, mas não como utilizar. Cabiam a eles, então, a tarefa de desenvolvimento e produção de conhecimento, não importa o mal que tal caminho os levasse – seja à armas, à bombas ou mesmo, à câmaras de concentração. Como consequência, tudo se desmoronou: tudo que era sólido se desfez no ar (MARX, 2017).

O resultado das profundas transformações ocorridas no final do século XIX e na primeira metade do século XX foi a mudança de valores da civilização ocidental. Formou-se aquilo que Berman (1986) chamou de modernidade: um mundo cheio de tensões e transformações, a nível micro ou macroestrutural. A modernidade é a passagem para um *Brave New World* (admirável mundo novo): um mundo que Huxley (2018) interpretou como sendo um lugar essencialmente eudemonista, no qual a felicidade se sobrepôs a todas as outras máximas da experiência humana, até mesmo a liberdade.

Nesta obra de Huxley (2018), há uma civilização despótica, pautada no consumo e individualismo. Nesta sociedade: as pessoas são modificadas

geneticamente pela medicina avançada; as crianças são condicionadas a viverem de acordo com a forma de pensamento dominante; os vínculos amorosos são inexistentes pois o que importa é o sexo e o prazer. Também existe, neste admirável mundo novo, pequenas pílulas de felicidade (as chamadas SOMA) utilizadas sempre que os indivíduos se sentem deprimidos e melancólicos. É proibido, neste admirável mundo novo, ficar deprimido, pois tristeza leva a solidão, solidão leva a questionamentos, questionamentos não são bons em um mundo projetado para ser “admirável”. Aqueles que, por motivos diversos, não conseguem ou não se integram a este mundo possuem como único destino, a dor, a melancolia e, conseqüentemente, a própria morte. A história distopia que Huxley narrou em 1921, o hoje é modelo retórico de nossa civilização: no dizer de Bauman “líquida”.

6 O MUNDO LÍQUIDO

Ser moderno não implica nada mais do que existir em um mundo diluído e sem forma. Para o sociólogo polonês Zigmunt Bauman (2011), as transformações da modernidade formaram uma época marcada por instabilidades nas quais tudo é incerto e está sempre em constante transformação. Esta mudança na praxe social gerou, no indivíduo contemporâneo, um sentimento de insegurança e medo. A dúvida passou a ser algo recorrente; houve uma crise das verdades; a sensação constante de incerteza frente às certezas de que se tem do cotidiano construíram aquilo que ele definiu como um mundo líquido.

Com o conceito da modernidade líquida, Bauman (2003) estabelece uma das grandes ambivalências da contemporaneidade, que é a ideia de não sermos mais meros consumidores de objetos, mas também objetos para consumo. Na ideia do autor, o mundo líquido se distingue por uma transformação no *modus operandi* (modo de operação) da burguesia. Passamos agora a consumir pessoas; indivíduos passaram a ser colecionados e catalogados: atores, cantores, músicos e jogadores de futebol; a civilização ocidental conseguiu desenvolver um novo produto, um já existente no mercado: o ser humano.

Este consumo que aos poucos se tornou fútil pela excessiva demanda de produtos, fez com que a experiência de consumo ficasse mais fluida. Nas relações humanas a consequência foi a mesma; o caráter descartável das relações humanas enraizado no modelo de criação de laços afetivos configurou novas práticas

relacionais (BAUMAN, 2011). Há, na modernidade, novas formas de relacionamentos. Smeah e Oliveira (2013) comprovam esses novos arranjos conjugais em seus estudos, concluindo que os relacionamentos amorosos na contemporaneidade são marcados por fragilidades: menos durabilidade, baixa tolerância a tensões vivenciadas pelo casal, maior irritabilidades e ações mais imediatas. Para os autores, as pessoas procuram o prazer nos relacionamentos de forma imediata e duradoura; quando não as tem, buscam em outro tipo de relação.

Na atualidade, se tem uma variedade de caminhos a serem seguidos, inúmeras referências para tomar como horizonte, várias fontes a serem apreendidas e, no entanto, nenhuma de tais direções parecem detentoras de uma verdade plena (TAVARES, 2012). Para Azambuja (2012), o ser humano moderno vive uma contradição constante com a solidão; busca o ócio, mas sempre dispõe de instrumentos para preencher o “tempo livre”. Da mesma forma que visa um distanciamento da multidão, busca, em mesmo grau, uma solidão centrada em si mesmo.

Diante das instabilidades, impotências e o ritmo acelerado da vida moderna, não se resta mais tempo para a “solidude”: para o tempo de reflexão e desenvolvimento pessoal. Aquela análise profunda do interior subjetivo da experiência mundana passou a existir em alguns poucos sujeitos que buscam algo além do plano social das aparências e liquidações (BAUMAN, 2003). Esta análise de um interior complexo e confuso deslocou-se das relações mundanas para os consultórios psicoterapêuticos: lugar no qual se pode falar de tudo que é reprimido pela civilização. As sobre medos, as angustias e até mesmo o sexo, passaram a ter seu lugar de discussão: o divã (FOUCAULT, 1999).

Em suma, as transformações históricas do mundo contemporâneo marcaram propriedades peculiares da vida cotidiana como: uma ampla velocidade de transformações, globalização, coexistência em contradições, relatividade de valores, instabilidades, excesso de informações, o mal-estar da incerteza, avanço tecnológico e a preponderância da imagem (BAUMAN, 2007, 2011; NICOLACI-DA-COSTA, 2002; TAVARES, 2012).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Só num mundo de cegos as coisas serão o que verdadeiramente são”

(SARAMAGO, 1995, p. 72).

Em um texto de Saramago (1995), intitulado “Ensaio sobre a cegueira”, o autor narra uma epidemia de casos de perda da visão em todo o globo. De um dia para o outro, de repente, todos começam a ficar cegos. Na visão do autor, apenas em um mundo onde todos deixarem de olhar para a estética, o dinheiro, a fama, o luxo e o poder, é que se terá possibilidade de realmente enxergar o mais importante na existência: os afetos, o diálogo, os sentimentos, os vínculos. A crítica de Saramago toca em uma ferida brutal no mundo moderno e este, se assemelha ao papel da psicologia social crítica: erguer o véu da cegueira. Quebrar os contratos tácitos presentes no cotidiano e trazer questionamentos sobre o próprio viver.

Ora, o papel da psicologia social crítica é promover *insights*: ampliação na consciência para o modo no qual as pessoas vivem – ou existem – na sociedade. Desta forma, a psicologia social crítica busca compreender as formas de poder que atuam sobre você, identificando possibilidades de caminha entre elas e, se possível, ser livre: ter as próprias ideias, pensar com a própria cabeça, gostar do que realmente gosta; fugir das neuroses históricas que o acompanham. Seu objetivo principal é quebrar as amarras ideológicas que controlam a satisfação humana, guiando os sujeitos para fora de suas cavernas (FERREIRA, 2010).

Ser um psicólogo, por muito tempo, significou exercer uma profissão, todavia a psicologia não se fundamenta simplesmente no exercício profissional de uma mera área de atuação, regida por leis e sustentada por uma ética. Exercer o papel de um investigador da alma humana é promover, acima de tudo, a emancipação humana (RODRIGUES, 1972). A psicologia social critica auxilia nesta ampliação da consciência, mas não só ela; como já dito, toda psicologia é uma psicologia social, assim, toda e qualquer psicologia ajudar a enxergar melhor: toda psicologia é um remédio para a cegueira.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. A dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

AZAMBUJA, D. C. de. Solidão e pós-modernidade. Ide (São Paulo), São Paulo, v. 35, n. 54, p. 73-79, jul. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-

31062012000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 08 ago. 2017.

BAUMAN, Z. 44 cartas do liquido mundo moderno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BAUMAN, Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 13-55.

BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.

COMTE, A. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ESTRADA-MESA, A. M. Recursos crítico-interpretativos para la psicología social. Rev. colomb. psicol, Bogotá, v.19, n.2, p. 261-270, dez. 2010. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-54692010000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 fev. 2019.

FERREIRA, M. C. A Psicologia Social contemporânea: principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. Psic. Teor. e Pesq, Brasília, v. 26, n. spe, p. 51-64, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000500005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 fev. 2019.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FROMM, E. O medo à Liberdade. 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

GOULART, M. S. B. Teoria Crítica em Habermas: diálogos com Psicologia Social. Temas psicol, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 247-259, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 mar. 2019.

GRUDA, M. P. P. Breves considerações, comentários e ideias acerca de uma Psicologia Social Crítica. Pesqui. prá. psicossociais, São João del-Rei, v. 11, n. 2, p. 514-526, dez. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000200019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 mar. 2019.

HUXLEY, A. Admirável Mundo Novo. 21. ed. São Paulo: Editora Globo, 2018.

LANE, S. et al. Psicologia social: o homem em movimento. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

LANE, S. et al. O que é Psicologia Social. 22 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Revoluções tecnológicas e transformações sub-jetivas. Psic.: Teor. e Pesq, Brasília, v. 18, n. 2, p. 193-202, Aug. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722002000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 ago. 2017.

RODRIGUES, A. Psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

SARTRE, J.-P. O existencialismo é um humanismo. São Paulo: Abril, 1984.

SARAMAGO, J. Ensaio Sobre a Cegueira. Rio de Janeiro: Companhia de Letras, 1995.

SCHOPENHAAUER, A. 38 estratégias para vencer qualquer debate: a arte de ter razão. 1 ed. São Paulo, Faro Editorial, 2014.

TAVARES, L. A. T. A depressão como mal-estar contemporâneo: medicalização e (ex)-sistemia do sujeito depressivo. São Paulo: Cultura Aca-dêmica, 2010. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579831003. Disponível em <<http://hdl.handle.net/11449/109146>>. Acesso em 28 ago. 2017.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WEBER, M. A Ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Martin Claret, 2007.